

ESTIGMATIZAÇÃO TERRITORIAL: CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS NA VIDA DOS JOVENS DO CAZENGA -LUANDA – ANGOLA

Ireclene A. Domingos¹.

Orientador: Prof.^a Maria Alda de Sousa Alves²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as consequências psicossociais da “estigmatização territorial” (WACQUANT, 2006) entre jovens do município do Cazenga, um dos municípios que constituem a província de Luanda – Angola. Cazenga enfrenta diversos problemas sociais nomeadamente no setor da saúde, educação e saneamento básico, com alto índice de jovens desempregados e questões de insegurança com vista ao índice de criminalidade. O município é perpassado por diversas “representações sociais” (MOSCOVICI, 2000) e tomado como excêntrico, tratado por alguns como o “bairro de lata”, onde quem lá vai não se desenvolve, além de ser retratado pela mídia como o lugar da violência. Esse conjunto de representações tornam os munícipes alvos de identidades estereotipadas e preconceituosas, gerando consequências psicossociais. A análise se organizou em três vetores: 1) o processo de desenvolvimento histórico - social e urbano de Cazenga; 2) a descrição da construção de representações sobre o município a partir da imprensa, dos discursos e ações dos poderes públicos; 3) as consequências psicossociais da estigmatização territorial na vida de jovens. Optou-se por uma abordagem qualitativa, com base em análise de dados oficiais e de imprensa, assim como entrevistas com os munícipes do Cazenga, nomeadamente: o distrito de Cazenga Popular.

Palavras-chave: Estigmatização territorial; Representações sociais; Angola; juventude

¹ Bacharelato em humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Mestre em Governança e Integração Regional, pela Universidade Pan – Africana (PAU). E-mail: ireclenedomingos@hotmail.com

² Dra. em Sociologia. Professora do curso de Sociologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: aldasousa@unilab.com

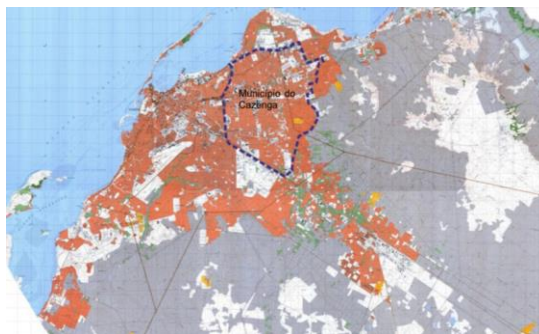
1. INTRODUÇÃO

Com os desafios globais de diversas ordens, sobretudo aqueles que exigem que o Estado enquanto detentor do poder público seja chamado a razão a fim de mitigar situações de desigualdades, os contextos que há muito tempo vivenciam situações de vulnerabilidades, quer seja a nível do que é material ou não material, ganham cada vez mais a atenção dos cientistas sociais comprometidos a intervir com problematizações capazes de instigar a reflexão e promover melhorias locais. Uma vez que, hoje, as questões relacionadas a qualidade de governação ocorrem em diversos contextos e disciplinas como a sociologia, ciência política, administração pública, estudos de desenvolvimento, economia, relações internacionais etc.

Considerando o número ínfimo de estudos preocupados em refletir sobre os efeitos da estigmatização em territórios de Angola, sobretudo nos lugares empobrecidos, acaba por ser um dos principais fatores que me instigaram a contribuir para a promoção de estudos que se atentam aos diversos contextos marcados por violências múltiplas. Incluindo aquelas que são simbólicas, que com o passar do tempo se materializam nos corpos, no modo de viver, criando consequências psíquicas e sociais que acabam por determinar destinos de indivíduos ou grupos em Angola.

O município de Cazenga é um dos 7 municípios que constitui a província de Luanda, a capital de Angola, fundada aos 9 de janeiro de 1946. Está localizado na região centro-norte do país, delimitado a oeste pelo município de Luanda, a norte pelo município de Cacuaco, a leste pelo município de Viana e a sul pelo município de Quilamba Quiaxi. Segundo a União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA, 2023). O município conta com uma população de aproximadamente 2 milhões de habitantes e tem uma dimensão territorial de 41.2 (km²). Cazenga, que anteriormente esteve dividido em três comunas, atualmente está constituído por (6) distritos urbanos, nomeadamente: Cazenga popular; Hoji Ya Henda; 11 de novembro; Kima Kieza; Tala Hadi e Kalawenda, de acordo com (DL 18/ 2016, 17 de outubro, Lei da Divisão Político – Administrativa - Governo da Província de Luanda).

Imagem 1: Mapa da cidade de Luanda, localização do Município de Cazenga



Fonte: DL18 18/ 2016 (Lei da Divisão Político – Administrativa - Governo da Província de Luanda).

Com vista aos aspectos climáticos, caracteriza-se como região semiárida, de clima tropical quente e seco, com uma estação chuvosa de novembro a abril e uma estação seca de maio a outubro. Quanto a seu surgimento enquanto espaço habitacional, remonta ao século XVII. A região onde está situada o atual município do Cazenga era uma zona habitada por animais selvagens, pois era distante dos conjuntos habitacionais de Luanda. Aponta-se que nos finais de 1960, o Estado colonial português construiu os "Bairros indígenas". Tais bairros tinham um traçado de ruas de forma organizada que delimitavam quarteirões - o que permitia que autoridades coloniais tivessem controle dos moradores. Pois, esses lugares eram destinados para a população africana que foi expulsa de áreas onde vivia (o que veremos mais adiante). Ao passar do tempo, esses lugares ganharam importância devido à rápida expansão da cidade e da população europeia que acabavam por chegar atento a lógica colonial de povoamento. Enquanto a população africana continuou sendo empurrada para a periferia, sem nenhuma assistência estatal administrativa – o que veio a dar origem aos chamados musseques³. Posteriormente, já a partir de 1975, a guerra civil provocou a fuga de milhares de pessoas do interior do país para o litoral e, em particular, para a capital (Luanda), onde os musseques continuaram a experienciar o sucessivo aumento da densidade populacional. Cazenga, a zona que dentre os bairros indígenas, daquela época, sempre foi distante e isolado, e que durante muito tempo teve uma taxa de ocupação baixa em comparação aos outros bairros, começou igualmente sendo povoada pelos mesmos fatores. Isto levou a receber melhoramentos urbanísticos básicos, de modo a ser parte urbanizada e integrada à cidade de Luanda. E, então, Cazenga acabou por ser a zona que maior número de refugiados acolheu - o que certamente explica o índice elevado de sua população. Tanto que, um dia já foi tido como o município mais populoso do país (UCCLA,2013).

³Zonas periféricas, com condições precárias e estrutura urbana antagónica aos centros das cidades.

Imagem 2: Localização do distrito urbano do Cazenga, dentro do município e no contexto da cidade de Luanda.



Fonte: DL 18/ 2016, 17 de outubro, Lei da Divisão Político – Administrativa - Governo da Província de Luanda.

Como qualquer cidade, o município do Cazenga convida-nos a olharmos também além de sua materialidade. Mais do que traçados enquanto bairros, oferece-nos uma dimensão simbólica com vista ao que significa para muitos jovens. Aqueles que lá residem assim como aqueles que residiam. E que, mesmo a meio a tantas dificuldades, se fizeram referência como bons cidadãos. Na memória de quem vivencia-o enquanto cidade material, sensível ou imaginária, Cazenga continua sendo uma cidade que guarda tantas outras cidades.

[...] Cidade do passado é sempre pensada através do presente, que se renova continuamente no tempo do agora, seja através da memória/evocação, individual ou coletiva, seja através da narrativa histórica pela qual cada geração reconstrói aquele passado (PESAVENTO, 2007. p.16).

Atualmente, aos 48 anos de independência e 21 anos de “paz das armas” em todo o território nacional, verifica-se que, embora a cidade de Luanda seja a província de destaque na sociedade Angolana - a qual corresponde à imagem do país na qualidade de ser a Capital, ainda cerca de 50% do tecido urbano da cidade é formado por musseques (Santos, 2015). O que desde já nos chama a atenção a não tomarmos a situação de precariedade como sendo exclusiva ao município do Cazenga. Mas, ao apresentarmos seu desenvolvimento histórico-social, queremos instigar a reflexão sobre o quanto a lógica administrativa colonial parece ter deixado heranças na concepção de governança no aparelho administrativo angolano frente aos respectivos musseque. Assim como algumas representações sociais que dançam com estereótipos que depreciam ou privilegiam, ainda encontram espaço nos dias de hoje.

A situação de crises quase que generalizada – a qual o país vivencia por diversos fatores, tais como o índice de acesso à saúde, à educação, ao lazer e a cultura, somado ao elevado número de jovens desempregados no município do Cazenga, é claramente alarmante. O que

vem refletindo ausência de políticas públicas eficientes com vistas a promoção do desenvolvimento humano no município. Cazenga, principalmente onde é popularmente chamado “Cazenga dos fundos”, apresenta um dos cenários precários mais críticos no que tange a sua estrutura urbana e outros elementos. O número de crianças, adolescentes e jovens fora do sistema de ensino escolar e o aumento do nível da criminalidade – cobrem os depoimentos diários, tanto pelos munícipes e não munícipes do Cazenga.

Nos discursos midiáticos, além de várias vezes o município ser retratado como *bairro de lata*⁴, onde quem lá vai não se desenvolve, também tem sido referido como o “sítio” dos delinquentes. A título de exemplo, aos 16/12/2009, foi taxado como “*o lugar proibido de se viver*” pelo jornal Angonotícias.

O que se observa desde já, é que qualquer contexto alvo, perpetrado por lógicas de desigualdades e outras violências, além de negligenciada pelo Estado e pela elite dos predadores (Pepetela, 2005), a grande maioria dos cidadãos pobres, é frequentemente ignorada ou desprezada tanto pelos discursos falsamente éticos como pelas práticas injustas dos respectivos Estados ou das elites predadoras. Ao passo que as representações sociais (Moscovici, 2000) sobre o município e os munícipes, configuram-se de forma estereotipadas e se transformam em estigma territorial – o que cria consequências psicossociais àqueles que nele habitam. Feitas essas considerações, torna-se possível formular a seguinte questão de partida: ***Quais são as consequências psicossociais da estigmatização territorial na vida dos jovens do Cazenga?***

Tem-se como objetivo central analisar o olhar dos jovens do Cazenga sobre a realidade do território, a atuação do governo e suas dificuldades relacionadas à preconceitos.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Com vistas a respondermos as questões que se levantam e o objetivo dessa pesquisa, tomamos em consideração a importância de se distinguir as quatro dimensões na investigação social que visam descrever o processo de pesquisa em termos de combinações de elementos (BAUER; GASKELL, 2000). Assim, seguiu-se o seguinte percurso metodológico:

- 1) O delineamento desta pesquisa consiste no estudo de caso. Atento a unidade social que se propõe realizar a pesquisa, temos o município do Cazenga cuja sua dimensão territorial é de 41.6 km² e como espaço de amostra o chamado distrito do Cazenga Popular.

⁴ Estruturalmente constituído por carcaças e outros resíduos.

- 2) Para a obtenção dos dados da pesquisa optou-se pela análise de documentos oficiais disponíveis pelos órgãos da administração pública de Angola. Buscou-se igualmente reunir bibliografias cujo autores proporcionassem teorias e análises que servem de embasamento para a discussão e análise do tema de pesquisa. Na sequência, realizou-se entrevista individual com 15 jovens do município do Cazenga, gênero feminino e masculino, com idade compreendida entre os 18 a 40 anos. As entrevistas foram compostas de questionários semiaberto, bloco de notas, aparelho eletrônico com capacidade de capturar registros audiovisuais.
- 3) A análise dos dados encontra apoio na técnica da análise de conteúdo e da análise de discurso. Apoiadas pelas reflexões presentes na literatura dos estudos em ciências sociais que visam subsidiar as problematizações inerentes ao estigma territorial (WACQUANT,2006), às representações sociais (MOSCOVICI,2000) e o bem-estar social (MOURA JR et al, 2014).
- 4). Os interesses do conhecimento dessa pesquisa consistem na emancipação e “empoderamento” dos chamados grupos minoritários. Assim sendo, a análise organiza-se em três vetores:
 - a) Caracterização do processo de desenvolvimento histórico - social e urbano do Cazenga;
 - b) Descrição da construção de representações sociais sobre o município a partir da imprensa, dos discursos e ações dos poderes públicos e de movimentos de contestação social; a intervenção da Polícia Nacional da Ordem Pública frente às questões ligadas à criminalidade e insegurança. c) as consequências psicossociais da estigmatização territorial na vida de jovens.

Tomada as seguintes hipóteses: H1: A criação de um estigma territorial no Cazenga, atualizado pela representação de bairro perigoso, reverbera estigmas históricos associados aos bairros indígenas e aos refugiados da guerra civil; H2: A manutenção do estigma se relaciona principalmente à condição periférica e dependente em relação ao mercado de trabalho em Luanda e a falta de políticas públicas para juventude; H3 A estigmatização é um dos principais freios à criação de uma rede de solidariedade para recuperação do desenvolvimento do município.

3. Caracterização da Juventude Angolana

A compreensão do que é ser jovem é alvo de várias abordagens analíticas. Tanto que Bourdieu (1983 *apud* OLIVEIRA, 2011) menciona que a juventude enquanto palavras, está sujeita a todo tipo de manipulações. A construção de uma identidade do que é ser jovem pode estar equivocadamente assente no entendimento de que é uma irresponsabilidade provisória. Atento a isso, Machado Pais (1990 *apud* OLIVEIRA, 2011) sugere que olhemos para a juventude além de um simples conjunto social onde sua principal característica seja o fato de ser constituída por indivíduos que pertencem a uma mesma fase da vida. E que observemos como um conjunto social, que contém atributos sociais, que diferenciam os jovens.

É certamente uma visão crítica que nos convida a refletirmos sobre a juventude Angolana além do simples termo *juventude*. Entender as condições que os jovens vivem e os aspectos que lhes diferenciam na categoria em que são colocadas, é sobretudo um ato de examinar os fatores histórico – econômico e sociais que lhe atravessam e os situa num espaço e tempo que exige análise cuidadosa, não genérica e sempre interseccional. Pois, com vista ao aspecto histórico, Angola é um país marcado pelo tráfico de escravos; trabalho forçado dos chamados contratados de São Tomé; luta contra a política colonial portuguesa e, posteriormente um longo período de guerra civil. Aponta-se que Angola chegou à independência (1975) com uma taxa de analfabetismo de até 85%. O que se configurou como uma das mais elevadas do mundo (PNUD, 2002). Embricado a isso, a guerra civil marcou profundamente o tecido social angolano. Atualmente ainda é sensível as consequências de uma guerra civil que teve a duração de 27 anos e que, além de desestruturar infraestruturas que serviriam para o bem habitar da juventude, também desagregou famílias – o que traduziu um nível alto de emigração de vários cidadãos do espaço rural para o espaço urbano.

Todos esses fatores condicionaram a vida dos jovens Angolanos no geral. Assim como, ao passar do tempo, a sua a autocompreensão do que é ser jovem. Implicando em suas perspectivas quanto ao que era e viria a ser o futuro da Nação. Visto que tão logo que completavam 18 anos de idade, eram chamados ao serviço militar obrigatório (OLIVEIRA,2011).

Em 2002, após o país ter estabelecido a paz definitiva em todo o território nacional, a juventude Angolana, incluindo aquelas que foram encapsuladas nos musseques (periferias), almejaram novos rumos para as suas vidas, mas a reprodução da desigualdade social, roubou-lhes a oportunidade não só de sonhar, mas de obter uma educação de qualidade e contribuir significativamente para a transformação de suas próprias vivências e consequentemente para o

bem-estar da nação em si. O país sempre teve uma massa populacional majoritariamente jovem e com disposição de contribuir com o trabalho para o desenvolvimento socioeconômico. Porém, antagonicamente tem se observado falta de vontade política para a transformação estrutural. Por exemplo, estudos apontam que até 2003, 85% da população angolana tinha menos de 40 anos. E de acordo com dados fornecidos pelo Inquérito de Bem-Estar (2010), a População Angolana em 2009 tinha idade mediana correspondente aos 15 anos.

O Município de Cazenga, atualmente conta com 24 bairros que estão em constante mudança quanto ao número de habitantes. Conforme pontuado no último ATLAS (2012), criado pelo Fórum Cazenga as estimativas da população do município variam amplamente. Aponta-se que, até o então período, mais de 100 pessoas se mudam para Cazenga todos os dias e cerca de 50.000 por ano. No que concerne os dados apresentados pelo censo realizado em 2014, mostram que, quase meio milhão de cidadãos angolanos mudaram de província nos 5 anos anteriores (antes de 2014). E, aponta-se que 240 mil no ano de 2015 tomaram como destino a cidade de Luanda, concretamente nas zonas urbanas (INE, 2016).

Imagem 3: Bairro curtume, distrito do Cazenga Popular. Aos 07.08.2023



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao demonstrar esses dados, pretendo propriamente indicar o quanto os recursos humanos podem representar oportunidades para a economia do município, mas também traduzir uma maior demanda sobre os serviços básicos a serem oferecidos.

O Instituto Nacional de Estatística (INE), em novembro de 2016, realizou um estudo de projeção da população para o período de 2015 – 2050. O estudo projeta questões como o número total da população na província de Luanda, espaço rural e urbano, características demográficas assim como esperança de vida para Homens e Mulheres a nível provincial de Luanda tal como a nível municipal. O estudo inclui também as projeções municipais para o período de 2014-2024. Com vista a projeção para grupos etários, segundo a área de residência e sexo, no município de Cazenga para o ano de 2023, aponta-se para homens um número de 577 996 e

para Mulheres um número de 608 672. Ambos os sexos totalizam um número de 1 186 667 de residentes. Para o ano de 2024, a projeção é de um total de 1 222 206 residentes de ambos os sexos, no município de Cazenga. Quanto a idade média para ambos os sexos em toda capital de Luanda, é de 17,3. O que indica claramente que o Cazenga também é um município majoritariamente habitado por jovens.

Considerando estes aspectos busca-se teóricos que nos permitam analisar os elementos intrínsecos a esse contexto, onde se elaboram, fortificam-se e se reelaboram representações sociais e fenômenos como o “estigma territorial”. E, atento aos interesses do conhecimento dessa pesquisa que visa a emancipação e empoderamento dos chamados grupos minoritários, pretende-se reafirmar a compreensão de bem-estar, que se dará de modo amplo, não como conceito simplesmente baseado na renda e na aquisição de bens de consumo, mas abordando questões pessoais e condições contextuais, estruturais, sociais e ideológicas. Como menciona Benevides (1983)

A ambiguidade dessa associação criminalidade/pobreza tem sido discutida por vários autores [...]. Mas é necessário salientar um dos aspectos cruciais da questão -, e cujas consequências são dramáticas para a população socioeconomicamente marginalizada: uma vez que os pobres são, automaticamente, “os principais suspeitos”, justificam-se os procedimentos violentos e arbitrários da polícia. A estigmatização do pobre como “marginal” - no sentido pejorativo da palavra, comum a polícia e a imprensa - é incorporada por vários setores da população, que chegam a apoiar ostensivamente a ação brutal das “batidas” [...], nos bairros miseráveis, bem como os “rondões” urbanos e, evidentemente, as prisões ilegais “para averiguações”. (BENEVIDES, 1983, p. 50)

Assim, os estudos sobre pobreza, segregação urbana e estigmatização territorial se projetam e adentram de modo a servirem de estratégias de redução da pobreza e de todos outros fatores que com ele interagem. Na medida que visa buscar ser eficiente e dirigindo-se na direção do reconhecimento das necessidades peculiares dos indivíduos inseridos em um dado contexto social, tal como possibilitar a entrada de novos elementos que permitem leituras ampliadas desses fenômenos. (MOURA JR et al, 2014).

3.1 O conceito de Estigma

De modo a se ter uma compreensão sólida sobre o fenômeno “estigmatização territorial” (WACQUANT, 2006), atentamo-nos aos teóricos de Erving Goffman (1988) que nos conta que os gregos criaram o termo *estigma* para se referirem a sinais corporais marcados com cortes e fogo no corpo dos escravizados ou pessoas a quem se buscava manter distâncias e limites por serem considerados criminosos ou traidores. Ou como sublinha o autor: “uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos”. Nas palavras do autor:

[...] na Era Cristã, dois níveis de metáfora foram acrescentados ao termo: o primeiro deles referia-se a sinais corporais de graça divina que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele; o segundo, uma alusão médica a essa alusão religiosa, referia-se a sinais corporais de distúrbio físico. Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal. Além disso, houve alterações nos tipos de desgraças que causam preocupação. (GOFFMAN, 1963, p.5).

Contudo, os estudiosos não teriam feito muito esforço para descrever as precondições estruturais do estigma, ou mesmo para fornecer uma definição do próprio conceito. Nesse sentido, Goffman busca definir o estigma como um julgamento de “[...] descrédito, [...], uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real [...]de [...] um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana, mas que possui um traço que se pode impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus” (GOFFMAN, 1963, p.6 - p.7). A partir do que o autor pontua a seguir, podemos compreender que a principal consequência do estigma é tanto psicológica como social.

Por definição [...] acredita-se que alguém com um estigma não seja completamente humano e com base nisso, faz-se vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente [...] reduz-se suas chances de vida[...] se construindo assim uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social (GOFFMAN, 1963, p.10).

Neste sentido, o estigma é um mecanismo social de exclusão e desumanização, que repercute de fora para dentro, na forma de coerções, como de dentro para fora, na forma de mecanismos psicológicos de dúvida e de anulação das próprias capacidades e da própria identidade. Goffman apresenta-nos três categorias de estigma nitidamente diferentes. Em primeiro lugar: a) as abominações do corpo - as várias deformidades físicas. Em segundo: b) as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. E, finalmente: c) os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família (GOFFMAN, 1963, p.7).

Na prática, são muitas as sobreposições entre os estigmas. É assim que nesse estudo buscamos caracterizar suas implicações na perspectiva territorial tendo em vista o município de Cazenga.

3.2 O estigma territorial

Segundo Wacquant (1997), a análise focalizada ao arranjo organizacional, da localização estrutural e da composição dos territórios de exclusão que surgiram ao longo dos tempos, sugerem o estigma territorial como o banimento forjado de uma população estereotipada negativamente em um território específico, no qual se desenvolve um conjunto de organizações específicas de grupo e de território – esse último que tendem a ser classificado como mero "espaço", concebido como o vácuo, sujeito a despolitização e que deve ser temido ou abandonado.

No entanto, a fim de compreendermos a categoria do estigma que macula território e quem nele habita, tomamos a análise e discussão do mesmo autor, sobre o surgimento da marginalidade avançada. Nesse debate, o autor menciona outros estudos como o de Sassen et al (1991), por exemplo, que nos mostram que a marginalidade avançada consiste em novas formas de encerramento social excludente e de marginalização que foram intensificadas na cidade pós- fordista como consequência das transformações desiguais e desarticuladas dos setores mais avançados das sociedades e das economias ocidentais.

Aponta-se que o termo "avançado", pretende indicar que as tais formas de marginalidade não estão no passado, mas sim, e, exatamente, são formas que também se colocam no futuro. E, a partir desse detalhe percebe-se a necessidade de se desconstruir para se ajustar as estruturas políticas e económicas que sustentaram e, ainda sustentam a desigualdade social e toda outra forma de violência imposta aos bairros periféricos (WACQUANT, 1997, p.133). Nisso, quero essencialmente atentar-me aos jovens, que dado o fato de se encontrarem em uma fase da vida onde coletivamente se compartilha a preocupação da autorrealização, acabam fazendo pressão às estruturas que lhes governa e, conseqüentemente, se tornando os alvos principais das violências externas ou internas, igualmente compartilhadas.

A título de exemplos no dia 8 de agosto de 2023, com o objetivo de atendermos ao que foi traçado no processo metodológico da pesquisa no que concerne a coleta de dados, começou-se um processo de entrevistas individuais com jovens do município do Cazenga, nomeadamente: o chamado distrito popular e o distrito do Kalawenda. As questões que conduziram a entrevista centravam-se no seguinte: Compreender a idade; gênero; nível acadêmico; a possibilidade de acesso à internet; ao sistema de saúde do município e as opiniões sobre seu funcionamento; a

existência ou não de saneamento básico nos respectivos bairro dos entrevistados; as opiniões sobre os serviços de educação ,sobretudo, oferecido pelas instituições estatais; as opiniões sobre a existência ou não e a possibilidade de acesso a lazer e a eventos culturais no município; o parecer dos entrevistados sobre como se enxergam enquanto munícipes do Cazenga e suas concepções sobre seus direitos e deveres; suas opiniões sobre questões de segurança no município; suas opiniões inerentes a oportunidades de emprego no município; sobre já ter ou não sofrido preconceitos ou outro tipo de violência pelo fato de se ser munícipe de Cazenga ; seus pareceres sobre os discursos sobre o Cazenga presente nas mídias e, finalmente, o que os respetivos munícipes esperam que seja feito por parte do governo Angolano no que consiste as políticas públicas com vista aos elementos de promoção de desenvolvimento humano no município. Então, no dia 20 do respetivo mês, ao entrevistarmos⁵ um jovem, 25 anos de idade, morador do bairro patrício, sobre como avalia as oportunidades de emprego no município, ele disse o seguinte: *“ser do Cazenga é igual a ser desempregado, mano. Só mesmo já de te olharem ou olharem nos teus documentos a chance já reduz. Principalmente noutras bandas[...]”*.

Esta fala chama-nos atenção justamente por revelar que, em sua visão, não que ele estivesse a se retratar como gatuno, mas que, conseguir emprego no município do Cazenga, além de ser um caminho difícil, existe a dificuldade de se conseguir emprego em outros municípios pelo fato deste ser proveniente de um lugar marcado negativamente. Na sequência, mencionou o seguinte: *“[...]ninguém quer ter gatuno na empresa dele. Se o próprio governo acha que somos bêbados, imagina o patrão?”* (jovem do município do Cazenga, sexo masculino).

Na contextualização sobre marginalidade avançada, Wacquant (1997) conta que, na França e em vários outros países da Europa Ocidental, um pânico moral surgiu com o aumento da “nova pobreza”, com a formação de “guetos para imigrantes” e com a consequente ameaça que estes representam para a integração nacional e para a ordem pública. Na fala do autor:

[...] Em ambos os lados do Atlântico, o tema da dualização ou da polarização das cidades tomou-se a preocupação central das áreas de ponta tanto da pesquisa quanto da teoria urbanas, enquanto os extremos “alta sociedade” e “gueto sombrio”, “riqueza suntuosa” e “destituição absoluta”, “burguesia cosmopolita” e “excluídos urbanos” floresceram e decaíram lado a lado. Juntos, esses eventos pareciam indicar uma convergência mundial notável dos padrões de marginalidade urbana. (WACQUANT, 1997, p.131)

A descrição sobre como os diferentes extratos da sociedade interagem, têm sido objeto

⁵ A entrevista se deu presencialmente, fez-se o uso de um questionário com questões semifechadas e uso de gravador de som.

de análise de vários estudiosos. Moscovici (1990) aponta que existem numerosas ciências que se atentam a estudar a maneira como as pessoas tratam, distribuem e representam o conhecimento. O autor diz-nos que, a psicologia social se diferencia ao tomar como seu problema específico, a questão de “como e por que”, as pessoas partilham o conhecimento e consequentemente constituem sua realidade comum. A psicologia social atenta-se igualmente a compreender como as pessoas transformam ideias em prática. E mais, nela o conhecimento nunca é uma simples descrição ou uma cópia do estado de coisas. Mas sim produzido por meio da interação e comunicação, tendo sua expressão sempre ligada aos interesses humanos que estão nele enredado. Pois, trata-se de uma interação, onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão, satisfação ou frustração (cf. Bauer & Gaskell, 1999, apud MOSCOVICI, 2000).

Dessa visão, compreendemos como a fala de uma das moradoras queria justamente dizer quando estava sendo entrevistada sobre a existência ou não, de lazer no município do Cazenga:

Meu irmão, aqui não temos essas coisas de lazer tipo nas novelas. Cinema, jardim, aqui não. Relaxar é mesmo em casa. Ou mesmo se sentar aí no portão quando chego do trabalho, para atualizar as fofocas (risos). Também não temos como ir muito longe. Dinheiro para taxi vai sair onde se para comer tá duro? mesmo também vás voltar que hora aqui, se os donos do bairro vão te puxar as perucas e se te deixarem com vida ainda é sorte! Nós também criamos mbora⁶ nossa ideia aqui mesmo. Fizemos nosso funge, bebemos umas cervejas, ouvimos nossas músicas e o dia passa normalmente. Amanhã é outro dia. (Jovem do município de Kalawenda, sexo feminino).

A entrevistada aponta o musseque como um espaço de criação do alternativo e de resiliência. Como podemos ver na imagem abaixo, na ausência do cinema como espaço de lazer, meios alternativos são empreendidos por algumas crianças e adolescentes que buscam se auto proporcionar lazer:

Imagem 4: Crianças e adolescentes divertindo-se com vídeo jogo em uma das casas de lazer proporcionada pela vizinhança. Aos 12.10.2023.



Fonte: Imagem de arquivo pessoal.

⁶Termo usado popularmente pelos Angolanos como complemento de qualquer frase na linguagem informal.

A descrição da ausência de áreas de lazer como cinema, jardins e o sentimento de insegurança no município atravessa a fala da jovem e, com isso, lembra-nos o que diz Wacquant (2006) sobre os efeitos da estigmatização territorial. O autor afirma que os efeitos se fazem sentir também a nível das políticas públicas, desde o momento que um determinado lugar é publicamente rotulado como uma zona não merecida de direitos por essa ser um completo espaço fora da lei, das normas. O que consequentemente torna-se fácil para as autoridades tomarem como justificativa ao empreender medidas especiais. Ou melhor, menos ou nada boas contra quem nele habita. Com isso, “acaba-se por desestabilizar e marginalizar mais ainda os seus habitantes. Assim como submetê-los aos ditames do mercado de trabalho desregulado, torná-los invisíveis ou esconderá-los de um espaço cobiçado” (Wacquant 2006, p.30).

Com a intensificação da crise no país, e que massacra sem piedade os segmentos há muito já fragilizados, vimos os jovens do Cazenga cada vez mais pressionados a aderirem às formas de trabalhos que requer muito esforço físico e em condições precárias que além de reforçar os estereótipos, deixam-lhes expostos a situações que representam claramente risco a saúde. Na imagem abaixo podemos observar algumas formas de trabalho para subsistência no Cazenga:

Imagem 5: Jovem trabalhando como transportador de produtos alimentícios no distrito do Cazenga Popular. Aos 07.08.2023.



Fonte: Arquivo pessoal.

Na mesma linha de pensamento, a autora Bezerra (2011) aponta que “viver nas periferias de grandes centros urbanos tem efeitos sobre a produção das autoimagens, dos discursos, das práticas sociais de seus moradores, bem como das imagens e ações desenvolvidas pelo Estado diante dos habitantes locais”. Tal como vimos ainda em Wacquant (2006):

Que esses lugares estejam ou não deteriorados, sejam ou não perigosos e a sua população seja ou não essencialmente composta de pobres, minorias e estrangeiros, tem pouca importância, no fim de contas: a crença preconceituosa [...] basta para engendrar consequências socialmente nocivas. (WACQUANT, 2006, p.29)

É frequente observarmos jovens indo em busca de várias possibilidades de trabalho no intuito de melhorar suas condições de vida. Assim, buscam tais possibilidade no centro da capital, onde, os rapazes, na maior parte das vezes encontram abertura só para o serviço de guarda de porta (porteiro). Submetido as condições de trabalho fora das políticas trabalhistas. Como em outros contextos, muitas das vezes servindo apenas de mão de obra barata. É o que nos conta Inge Tvedten et al (2018) “O emprego formal é particularmente raro nos aglomerados informais/musseques, e os que têm acesso ao emprego formal trabalham geralmente em profissões mal pagas como operário de construção civil ou guarda (os homens) e como empregada doméstica e de limpeza (as mulheres)”. (TVEDTEN et al, 2018, p. 16). O que nos faz perceber que, as crenças preconceituosas sobre um determinado lugar não surgem naturalmente, mas que são elementos subjetivos que fazem parte de um jogo de privilégio cujo conjunto de representações sociais sobre o outro, serve de meio para que se determine os direitos e os não direitos que este deve ter dentro do tecido social.

Ao observarmos a questão da vulnerabilidade física no município do Cazenga, apontou-se que, só em 2010, com vista ao fluxo constante de pessoas que encontram no município de Cazenga meio para a sobrevivência, existiram cerca de 1.950 casas construídas sobre ou próximas a córregos (valas e lagoas), o que significou 13.600 pessoas que viviam em áreas de risco. Como se pode observar nas imagens abaixo:

Imagem 8 -9: Arredores do município do Cazenga. Bairro do distrito popular do Cazenga e distrito do Kalawenda.



Fonte: Arquivos retirados da internet.

Todavia, compreender territórios estigmatizados requer compreendermos como se dá o processo de construção do pensamento, tantos dos que nele habitam como quem julga a partir de um olhar de fora. Pois, como visto em Santos, Milton (1926-2001, p.12), “[..]a noção de espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, onde podemos reconhecer suas categorias analíticas internas”. Por exemplo, quando nos referirmos sobre o número elevado de desempregados, espera-se que sejam elaboradas novas formas interventivas que possam realmente promover a igualdade social. Direcionando críticas a exploração nos mercados de trabalhos informais e até mesmo "formais". Porque do contrário continuará a se verificar grupos e territórios sendo estigmatizados, por se encontrarem em situações precárias. E o pior; subjugadas por uma situação que lhes é atribuída e não requerida. Em consonância com essa visão, Machado Da Silva (2008 *apud* BEZERRA,2011), leva-nos a notarmos que, os territórios segmentados, em situação de pobreza, tornam-se alvos principais de uma indeterminação constitutiva. Ou seja, ao passo que os territórios estigmatizados são entendidos como lugares que devem ser alvos das intervenções de políticas assistenciais do estado, também são compreendidos e representados socialmente, ao mesmo tempo, como lugares da produção de uma violência incontrolável.

4. O acesso dos moradores do Cazenga as políticas sociais

4.1. Acesso a saúde no município de Cazenga

À saúde dos habitantes está atrelada as condições de saneamento básico em qualquer contexto territorial. No Cazenga, às questões de saneamento básico continuam representando uma ameaça gritante a saúde pública e traduzindo baixo nível de qualidade de vida. Elementos básicos para a manutenção da vida diária, ainda estão distantes do alcance ou da satisfação de qualquer munícipe do Cazenga independentemente do distrito e de suas remunerações salariais.

Desde o último estudo realizado pelo Fórum Cazenga (ATLAS CAZENGA, 2012) atento as condições de saneamento básico no município, com vista ao acesso a água para o consumo diversos, a recolha de lixo e os centros hospitalares, verificou-se que em 2012, somente 14% das famílias no Cazenga tinham acesso à água canalizado, ao passo que 86% dos habitantes dependiam dos chafarizes cujo preços por cada litro eram insatisfatórios para 81% dos habitantes que achavam ser alto o valor de 5 Kwanza⁷. Vale sublinhar que dada a infraestrutura

⁷ Nome da moeda Nacional de Angola.

precária no município e a falta de manutenção dos tubos nas vias de canalização, nem mesmo as águas dos respectivos chafarizes chegavam com a devida qualidade. O que consequentemente podia e ainda pode explicar os quadros de enfermidade nos munícipes sobretudo às crianças que sofrem com constates casos de diarreias, paludismo e má nutrição.

Quanto ao acesso a saneamento básico por proporção de domicílio no município de Cazenga, apontou-se que 8% tinham acesso ao passo que 92% não tinham acesso. Quanto a percentagem de domicílios com conexão à Rede de Esgoto (Cazenga), apontava-se que 21% contavam com conexão ao passo que 79% estavam sem conexão. Em termos de recolha de resíduos sólidos regular, vale reconhecermos que o município tinha um programa inegavelmente ativo, empreendido pela então administração local e executada pelos próprios munícipes, tanto que estava melhor do que a cidade de Luanda com um número de diferença de 98% de domicílio na recolha ao passo que Luanda estava apenas aos 75%. A fonte da produção de lixo no Cazenga, a indústria, atividades comerciais e domésticas - atualmente, com a situação agravada, parecem descontrolada, e os impactos negativos como. O acúmulo de lixo, água contaminada, insetos, incêndios, são visíveis nos espaços públicos, na Saúde e nos serviços diversos. Como afirmou uma senhora de 40 anos de idade, sobre qual é a sua opinião sobre s serviços de saneamento básico no município, ela apontava o seguinte:

Luanda é suja. Não é só o nosso Cazenga. Esses serviços de recolha de lixo são todos bungle-bangue⁸ como diz o meu filho. Por isso a saúde aqui é assim... hoje você tá bem, amanhã não. Muitos mosquitos, mano. Mesmo nos centros da cidade também não há lá nada mais saúde. Está tudo mal”. (moradora do Cazenga)

A questão da construção de habitação própria no município que, estrategicamente se dava por uma construção gradual (um quarto, passando anos um outro quarto ou uma sala), no intuito de se criar espaço para a poupança e atender outras necessidades, parece não ter mais êxito. Pois, com os preços dos produtos altos em todo o país, quem sempre teve tão pouco, a prioridade hoje é no máximo conseguir uma cesta básica para acudir a situação de fome em seu agregado familiar.

O Instituto Nacional de Estatística (INE), em novembro de 2016, realizou um estudo de projeção da população para o período de 2015 – 2050. O estudo projeta questões como o número total da população na província de Luanda, espaço rural e urbano, características demográficas

⁸ Gíria Angolana. Uma expressão para se referir ao que é mentira ou falso.

assim como esperança de vida para Homens e Mulheres a nível provincial de Luanda tal como a nível municipal. O estudo inclui também as projeções municipais para o período de 2014-2024. Em termos demográficos com vista a cidade de Luanda, para o ano de 2023, pontua uma esperança de vida ao nascer de 65,0. Sendo 64,2 para os homens e 65,8 para as mulheres.

Quanto a taxa de mortalidade infantil, para o ano de 2023, projetou um total de 48,2%, sendo 48,7 para Homens e 47,7 para mulheres. Ainda para o ano de 2023, a taxa bruta de mortalidade foi projetada para 6.1 ao passo que a Taxa bruta de natalidade é de 33,3.

4.2 Acesso à educação no município de Cazenga

Como observado no Atlas de Cazenga (2012) mais de um terço dos habitantes do município de Cazenga têm menos de 24 anos - o que configura uma larga parcela da população que busca por educação e emprego. Ainda com vista ao respectivo Atlas, que permite conhecer as condições socioeconômicas do município no então período, e que nos possibilita tomar como base comparativa para estudos de avaliações futuras, verifica-se que até o ano de 2012, o município de Cazenga contava com 107 escolas públicas e tipo de equipamentos educacionais. Respectivamente: 65 Pré – escolas; 6 escolas do Iº Ciclo do Ensino Fundamental; 5 escolas do IIº Ciclo do Ensino Fundamental; 31 escolas do Ensino Médio e 128 escolas privadas. Entre as escolas públicas, apontou-se que 47% delas precisavam de reparação e 53% apresentavam condições adequadas para o funcionamento. Por tanto não se tem com exatidão um número correspondente ao nível de escolaridade dos jovens do Cazenga. Mas à precariedade em termos de infraestrutura e a falta de políticas públicas consistentes e solucionável voltado ao município, traduzem níveis de escolaridade baixa e com elevado déficit no processo de ensino e aprendizagem. No que tange as condições infra estruturais das instituições de ensino nos bairros de Cazenga, podemos observar uma imagem que demonstra a necessidade de manutenção delas, assim como necessidade de prevenção de riscos contra a saúde dos alunos:

Imagem 6 -7: Alunos brincando em horário de recreio & Escola do ensino secundário – Paiva, localizado no bairro da Cuca, município do Cazenga. Aos 22 de 07.2023



Fonte: Arquivo pessoal.

O interessante no respectivo estudo é que, como aponta seu objetivo, visou reunir informações sobre os moradores e os serviços básicos na região nas mencionadas épocas, de maneira a tornar possível que no futuro fosse possível olharmos para trás e, então, hoje podermos avaliar se o município de Cazenga melhorou ou não.

5. As representações Sociais

Moscovici (2000), relata que a passagem para a modernidade foi marcada também pelo papel central das novas formas de comunicação que se fizeram acompanhar com o desenvolvimento da imprensa e a proliferação da alfabetização. Na visão de Thompson (1995 *apud* MOSCOVICI, 2000), essas novas formas de comunicação de massas deram abertura para a maior possibilidade de circulação das ideias, mas também da inserção de mais grupos sociais dentro do processo de produção psicossocial do conhecimento. O autor pontua que a ciência e o senso comum se fizeram uma fonte essencial do surgimento de novas formas de conhecimento e crenças no mundo moderno. Pois, a legitimação do que se buscava interpretar, deslocou-se do campo perceptivo subsidiado de que existe uma intervenção divina e, passou então, a ser parte de um entendimento relativo as dinâmicas sociais complexas e contestada, onde as representações dos grupos diferentes na sociedade disputam hegemonia.

Assim, motivado pelas dinâmicas das formas de comunicação e insistente em reconhecer que existia a representação social, não apenas como conceito, mas como um fenômeno e característica de nossa época, Moscovici, por meio das suas análises e textos convidou-nos a compreender que, o referencial explanatório exigido para tornar os fenômenos sociais inteligíveis, atento a sociologia moderna, deve incluir conceitos psicológicos, bem como sociológicos. Este pensamento desafia as atitudes conservadoras de alguns autores que, no campo da psicologia e da sociologia, disputavam uma espécie de integridade de cada respectivo campo. Buscava-se a todo custo tornar ambas as áreas categorias exclusivas - onde a sociologia podia apenas construir explicações para problemas sociais e a psicologia apenas para problemas de natureza psicológica. Esses autores tomam como justificativa de que uma categoria não podia se poluir com a outra. Ou seja, havia a dificuldade em se conseguir um referencial teórico estável, capaz de envolver tanto o psicológico quanto o social.

No entanto, a psicologia social que se construiu ao redor de um conjunto de diferentes preocupações, tornou-se igualmente campo privilegiado para subsidiar nossa pesquisa que analisa um fenômeno social com implicações sociais, mas também psicológicas. Como observado em Moscovici (2000)

[...]as representações sociais são a forma de criação coletiva, em

condições de modernidade, uma formulação implicando que, sob outras condições de vida social, a forma de criação coletiva pode também ser diferente. O fenômeno das representações está, por isso, ligado aos processos sociais implicados com diferenças na sociedade. (MOSCOVICI, 2000, p. 16)

O mundo social como um palco, sempre nos lembrou que as relações sociais são atos de representações. Um espaço onde ao projetar como gostaríamos de sermos vistos, projetamos o que esperamos encontrar ou ver no outro. Corremos em busca das expectativas sobre o outro com as nossas lentes, nossos pré-conceitos. E, quando o que se apresenta não corresponde com essas projeções, sentimos o choque ou a necessidade de criar, reproduzir e atribuir representações para que, pelo menos para nós, venha a fazer algum sentido. Como Moscovici (2000) faz a analogia dizendo que, do mesmo modo que a natureza detesta o vácuo, assim também a cultura detesta a ausência de sentido.

Ao adentrarmos as concepções de representações sociais na visão de Moscovici (2000) compreendemos as construções das representações sociais que se dão entre os munícipes do Cazenga e os munícipes de outros lugares, onde as pessoas são representadas socialmente como "civilizadas" e supostamente desenvolvidas. Essas representações se traduzem em privilégios para os habitantes dos centros da capital (onde há a possibilidade de acesso aos serviços negados as periferias como o Cazenga). Centros onde são refletidas as políticas públicas e a promoção da juventude como motor de desenvolvimento da nação e que “devem” beneficiar das oportunidades dos investimentos públicos e privados. Tudo isso diferente do que se promove sobre as periferias como o município do Cazenga, atento a nossa área de amostra, o distrito popular do Cazenga. Lugar no qual os jovens muitas das vezes se veem na obrigação de exercerem a função de administradores do bairro, criando meios alternativos de resolução de problemas que lhes intriga, assim como a manutenção das valas adaptadas como esgoto, criadas pelos próprios moradores.

No entanto, não seria ao passo disso que devemos nos ater na hipótese de que realmente a manutenção do estigma territorial está relacionada principalmente à condição periférica e dependente em relação ao mercado de trabalho em Luanda - originada pela falta de políticas públicas para a Juventude Cazenguista? Ora, pelo que se pode observar, jovens do Cazenga estão preocupados a escapar dos discursos estigmatizantes e buscar a todo custo se apresentar como se fossem munícipes de outros lugares, preferencialmente daqueles que refletem o centro. Pois, a periferia enquanto lugar residido por pessoas majoritariamente pobres e caracterizadas

como *matumbas*⁹, está vedada pela estigmatização que macula a imagem que estes veem a ter de si mesmo. Pétonnet (1982 *apud* WACQUANT, 2006, p.29) diz ser frequente as pessoas dissimularem sua morada ou evitarem ao máximo que tanto a família como os amigos as visitem. Há momentos que desenvolverem sentimento de culpa e se veem na necessidade de pedirem desculpas por morarem em lugares maculados.

Assim, é comum muitos dos jovens do Cazenga alterarem o endereço de onde moram no seu curriculum vitae, sempre que vão em busca de emprego noutros lugares. Alguns, por vergonha, negam morar no município do Cazenga quando se estão a conhecer com indivíduos de outros lugares. O que evidentemente expressa sentimento de culpa por parte dos estigmatizados, que interiorizam a ideia de que a situação é natural. Ou seja, que eles se encontram na respectiva situação por merecer. Por serem naturalmente atrasados, inaptos a participar ou a influenciar nas decisões políticas destinadas ao município, simplesmente pela "natural" condição de terem nascidos ou crescidos num município destinado ao não desenvolvimento e ao abandono. E, então, cedendo inocentemente às intenções predatórias daqueles que empreendem a exploração econômica, promovem o isolamento ou a exclusão social.

No entanto, não seria uma das consequências psíquicas causada pela estigmatização territorial aos agentes destes lugares estigmatizados? Como afirmou Bourdieu (1993.p.261, *apud* WACQUANT, 2006, p.29 -30): “O bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que o habitam e que, por sua vez, o degradam simbolicamente [...]”. Tal afirmação nos permite criar ponte com a fala da jovem de 23 anos de idade, moradora do bairro Patrício, que constitui o distrito Popular do Cazenga:

Todo mundo já sabe que somos “puta”. Não é assim mesmo que nos chamam? Basta já a pessoa ser do Cazenga, pensam que é fobada¹⁰. Que só namora já porque em casa sofre. Yea, aqui mesmo tem bued¹¹ problemas e nuceque¹², nuceque, mas qual é o sítio que não tem?
- Não estou dizer que Cazenga é um bom sítio, eu sei que não é. Eu mesmo também não pretendo viver aqui pra sempre. Mas as pessoas têm que parar de pensar que só porque moramos aqui, também fazemos já vida. Não é assim. Tem mesmo muitas moças que são do game¹³ yea, mas também há muita boa, que tem mesmo sonhos do bem. [...]”. várias vezes já sofri preconceito. E não falo só de mim. Você mesmo não vê nas redes sociais só falam que

⁹ Boçal, rafeiro, ignorante (na gíria dos luandenses).

¹⁰ Gíria da sociedade angolana, expressa para referir-se a pessoas que passam fome constantemente e, conseqüentemente dispostas a ceder qualquer proposta.

¹¹ Linguagem popular da sociedade Angolana para fazer referência a quantidade, relativamente ao termo “muito ou muitas”.

¹² Linguagem popular da sociedade angolana para se referir a qualquer coisa a meio uma explicação.

¹³ Gíria da juventude angolana para se referir a quem se prostitui.

vivemos mal, que não temos boas maneiras, que não sabemos escrever nem ler? Mas eu sei escrever e ler direito. A minha forma de falar é próprio. Também não vou estar a falar como se eu fosse patricinha conforme muitas fazem só para sair bem na foto. E serem bem-vindas no meio de outras pessoas. Comigo não. Eles dizem ah, essa que fala assim sem maneira deve ser do Cazenga ou de Viana. [...]as vezes mesmo pessoas que moram aqui no Cazenga também faltam respeito nas pessoas. Eu digo mesmo comigo não. Não admito essas confianças. [...]só falo assim nervosa, porque também nos faltam respeito. Não sou do tipo de pessoa de leva desaforo pra casa[...]. [...]também penso um dia sair dessa merda de município ou mesmo até desse país. (Jovem do distrito popular do Cazenga, sexo feminino)

A interlocutora esteve claramente alterada, indignada pelos discursos depreciativos que lhe atravessam enquanto mulher e jovem do município do Cazenga. Em sua fala, é perceptível a repreensão contra os discursos que lhe estigmatizam assim como demonstra insatisfação também com a reprodução destes discursos entre os próprios munícipes. É atrelado a questões dessa natureza que Moscovici esteve interessado em compreender as variedades e diversidades das ideias coletivas nas sociedades modernas. Pois, a diversidade traduz falta de homogeneidade dentro da sociedade, onde a distribuição é feita de forma desigual atento as diferenças e aos grupos de interesse, o que gera consequente heterogeneidade de representações (MOSCOVICI, 2000).

Com isso, é de suma importância que todo o princípio que se projeta na luta contra as violências ou para mitigar situações de desigualdades e pobreza, encontre compreensão ampla sobre a ideia de bem-estar. E que este não seja um conceito simplesmente baseado na renda e na aquisição de bens de consumo, mas abordando questões pessoais e condições contextuais com vista às estruturas, a dinâmica social e ideológicas. De acordo com Ribeiro & Cummins (2008), o Bem-Estar Pessoal (BEP), parte de avaliações subjetivas e objetivas, envolvendo assim a questão do bem-estar psicológico. Pois, como se pode observar, o núcleo central do que é “Bem-Estar Pessoal, é constituído dos conceitos básicos como: Satisfação global com a vida, felicidade e satisfação com os âmbitos da vida. Porém, há também um conjunto de núcleos periféricos que apresentam correlações positivas com essas categorias centrais acima identificadas. Representadas pela autoestima, percepção de controle, apoio social percebido, otimismo vital, entre outros (Casas, 2010).

6. CONCLUSÃO

A manutenção do estigma no município do Cazenga, relaciona-se principalmente com a condição periférica e dependente em relação ao mercado de trabalho em Luanda e a falta de políticas públicas para juventude. E, assim, a pobreza funciona como uma estratégia de manutenção do status quo. Como observado em Cidade (2012), as pessoas pobres são geralmente acusadas/atribuídas várias representações depreciativas como: violentas, criminosas ou mesmo *matumbas* ou *esfomeadas* - como vimos nos depoimentos dos nossos interlocutores. A eles, na maior parte dos casos recai toda a culpa e, interiorizando a culpa, sentem-se ser os causadores de tais situações. Pois, Góis (2008, *apud* MOURA JR et al, 2014) afirma que; “Há a uma série de práticas, valores e crenças que delimitam o modo de viver dos pobres desenvolvendo uma forma específica de identidade que é “negada, sofrida, desamparada, frágil e violenta”. Ou ainda como visto em Moura et al (2014, p.347): “Tais conteúdos identificados no sujeito não são oriundos de um processo individual dissociado dos aspectos sociais[...]”. (MOURA, 2014, p. 343)

Como se pode observar, é certo dizer que os jovens, sobretudo aqueles que nasceram, cresceram ou refugiaram-se nos chamados musseques, com realce aos moradores do chamado *Cazenga dos fundos*, nomeadamente: o bairro da Fubú, Curtume, Malueca e outros (constituídos majoritariamente por famílias que tiveram proveniência do interior do país, na condição de refugiados de guerra), não escaparam das lógicas coloniais de administração pública, que seleciona *os corpos que importam*, ao ponto de esforçar os Cazenguista a recorrerem quase sempre a outros lugares em busca de empregos quase sempre de mão de obra barata, remuneração péssima e fora das políticas/direitos trabalhistas. E, nisso ainda encontram dificuldades. Pois, o que se insinua na mídia, é que os moradores do município do Cazenga são vândalos, popularmente conhecidos como “os jovens matumbos do Cazenga”.

Observa-se também que a criação do estigma territorial no Cazenga, é atualizada pelas representações que remontam as condições históricas associados aos bairros indígenas e aos refugiados da guerra civil. Por mais que isso não esteja explícito nos discursos dos órgãos públicos, o fato é que isso encontra expressão na forma como são conduzidas e efetuadas as políticas públicas dada a quase inexistência de condições básicas como saneamento, saúde e educação de qualidade e espaços de lazer. O que se caracteriza como uma espécie de reprodução da lógica de distribuição injusta de bens públicos, tal como se dava na época da não independência e paz no território nacional.

No entanto, é sábio se compreender que as dinâmicas sociais se apresentam como desafio para o estado Angolano, exigindo a efetividade dos princípios da boa governança para atender as aspirações de uma juventude que elabora reflexões crítica sobre a realidade que lhe envolve. A partir disso, vale se dar a devida atenção as pesquisas e estudos sobre pobreza, segregação urbana e estigmatização territorial que, em seus objetivos problematizam, adentram e elaboram formas de estratégias para a redução da pobreza e de todos outros fatores que se interagem.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Maria Victoria. **Violência, povo e polícia: violência urbana no noticiário de imprensa**, Editora Brasileira, 1983.

BRANDÃO, C.R, Borges M. C. **A pesquisa participante: um momento da educação popular**, Rev. Ed. Popular, Uberlândia, 2007.

Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/viewFile/19988/10662>
Acessado aos 06.08.2018.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa Contexto, Imagem e Som: Um manual prático** [2000]. GUARESCHI, A. de Pedrinho (Ed.), Editora vozes, 2003.

BEZERRA, Leila Passos. **Sentidos da pobreza e do viver em territórios estigmatizados: versões de moradores do Grande Bom Jardim em Fortaleza-Ce**, Jornada internacional de políticas públicas, 23 a 26 de agosto, [s. n.], 2011.

Disponível: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/cdvjornada/jornada_eixo_2011/de_sigualdades_sociais_e_pobreza/sentidos_da_pobreza_e_do_viver_em_territorios_estigmatizados.pdf Acessado aos 10.08.2018

CIDADE et al., **Implicações psicológicas da pobreza na vida do povo latino-americano**, Psicol. Argum, [s. n.], 2012.

Disponível: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/2008>
Acessado aos 07.08.2018.

FORUM CAZENGA. **Atlas de Cazenga**, dezembro, [s. n.], 2012.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**, Editora LTC, 4ª edição, 1988.

GIL, António Carlos: **Métodos e Técnicas de Pesquisa social**, Editora Atlas S.A, 2008.

GOMES. Lazer, **Cultura Popular e Colonialismo em Luanda: Sociabilidades e resistência transloucais numa história sobre música e automóveis (1957-1975)**, Universidade de Lisboa, 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATISTICA (INE). **Projeção da população da província de Luanda – 2014 -2050**, novembro, [s. n.], 2016.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais** [2000]. DUVEEN, Gerard (Ed.) Editora Vozes Ltda, 2007.

MOURA JR et al., **Concepções de Pobreza: Um Convite à Discussão Psicossocial**, [s. n.], 2014. Disponível: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v22n2/v22n2a07.pdf> >
Acessado aos 12.08.2018.

OLIVEIRA, Silvia de. **Dinâmicas educativas da juventude angolana**, Revista Angolana de Sociologia [online], 8 |2011, posto online no dia 13 dezembro 2013. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ras/580>; DOI: 10.4000/ras.580.
Acessado aos 15.10.2023.

PRAIA, João et al., **O papel da natureza da ciência na educação para a cidadania**, [s. n.], 2007. Disponível em: < <Http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v13n2/v13n2a01>.
Acessado aos 06.08.2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias**. UFRGS: Revista Brasileira de História, junho, [s. n.], 2007.

_____. **Parias urbains**. Ghetto, banlieues, État, Paris: La Découverte, [s. n.], 2006. Disponível: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4618.pdf> >
Acessado aos 08.07.2018.

PNUD Angola 2002. **Os desafios pós-guerra, Luanda**: Nações Unidas, [s. n.], 2002.

SANTOS, Daniel dos. **Encontro entre pobreza e moral em Luanda**: Urbanização, direitos e violência, Revista Sociedade e Estado - Volume 30 Número 1 janeiro /abril, 2015.

TVEDTEN, Inge et al., **Pobreza Urbana em Luanda, Angola**: CMI Relatório, número 7, abril. [s. n.], 2018. Disponível em: <https://brage.bibsys.no/xmlui/handle/11250/2496599>
Acessado aos 11.10.2023.

UCCLA- UNIÃO DAS CIDADES CAPITAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2013. Disponível em < <https://www.uccla.pt/membro/cazenga>.
Acessado aos 08.07.2023.

WACQUANT, Loic. **A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada**, [s. n.], 1997.